

CRÍTICAS DE CINEMA NA ERA DA INTERNET: UMA ANÁLISE DE TEXTOS SOBRE O GRANDE HOTEL BUDAPESTE

TEIXEIRA, Luiz Gustavo Vilela (Comunicação/UTP)

Resumo

As ferramentas de auto-publicação da internet causaram uma revolução para o jornalismo, especialmente em sua vertente de gênero opinativa. Ao mesmo tempo em que brilhantes anônimos ganharam voz, compartilhando seu conhecimento com o mundo, uma multidão dileitante e interessada, mas não necessariamente provida com o conhecimento ético, técnico e estético fundamental para a prática, segue despejando diariamente uma grande quantidade de conteúdo. A crítica cultural é um exemplo representativo desse processo. Mas há alguma contribuição efetiva para a discussão cultural? A proposta deste artigo é realizar uma investigação sobre a relevância de textos opinativos voltados para a cultura, tomando como base a crítica de cinema por ela se debruçar sobre uma das formas de arte mais populares e acessíveis do último século. Para isso serão levantadas seis textos críticos escritos sobre O Grande Hotel Budapeste, filme de Wes Anderson lançado no Brasil em 2014. O critério é o da popularidade para três deles, sendo escolhidos os primeiros resultados em uma busca no Google, em confronto com três outros publicados em jornais de grande circulação (que não necessariamente estão bem ranqueadas). O objetivo é analisar os textos em relação à sua contribuição para o debate cinematográfico, considerando 1. o impressionismo do autor que confunde gosto pessoal com análise fílmica, 2. a oposição entre consumo e experiência, com a crítica se reduzindo à indicação de consumo de final de semana, 3. a falta de repertório, em que o autor desconhece a filmografia do diretor ou a inserção estilística do filme, e 4. rotulação primária. Com isso, espera-se a definição de um panorama sobre a crítica de cinema, avaliando a contribuição do diletantismo para o debate sobre cinema.

Palavras-chave: Cinema, Crítica de Cinema, Wes Anderson, O Grande Hotel Budapeste

Introdução

O mote do presente trabalho se estabelece em conjunção com a afirmação de Moisés de Lemos Martins em seu Crise do Castelo da Cultura (2011), quando para para refletir sobre a questão da opinião nos media contemporâneos. Segundo o autor, "a profissionalização da opinião e a vedetização dos opinionistas, que têm o efeito conjunto de rarefazer, vampirizar e invertebrar o pensamento" (111). A perspectiva que surge, ao se analisar os textos levantados, é de que as críticas mais populares seriam as construídas dentro deste processo de enquadramento do pensamento.

O "pensamento invertebrado" deverá ser encontrado nos textos populares, resultados da pesquisa feita no Google, justamente o mais popular e, em tese, o mais confiável motor de busca. Pelos critérios de indexação da própria ferramenta, ao se buscar "O Grande Hotel Budapeste" e "crítica", os primeiros resultados deverão ter sido os mais lidos e compartilhados desde que foram publicados em seus respectivos sites.

Esta crítica, em oposição aos textos publicados em veículos especializados ou da mídia tradicional, falharia em obedecer a famosa proposição de André Bazin (2014): "A função do crítico não é trazer numa bandeja de prata uma verdade que não existe, mas prolongar o máximo possível, na inteligência e na sensibilidade dos que o leem, o impacto da obra de arte." Ou seja, a falta de repertório teórico e cinematográfico implicaria no impedimento do que o autor francês chama de "prolongamento do impacto", cuja proposição tomamos de Jean-Claude Bernadet:

Criticar é pôr a obra em crise. E pôr em crise a relação da obra com outras obras. A relação do autor com a obra. A relação do espectador com a obra. A relação do crítico com a obra. É criar em torno de uma obra uma rede de palavras incertas, inseguras, hipotéticas, sem a menor esperança nem o menor desejo de chegar ao certo ou a qualquer verdade ou conclusão..
(BERNADET, 1986)

Os críticos diletantes falhariam em colocar em crise um filme como O Grande Hotel Budapeste justamente pela falta de elementos para conseguir dialogar com a obra. Nos textos publicados nos jornais de grande circulação e sites de referência, ao contrário, espera-se encontrar este tipo de análise que colocaria a obra em crise, ajudando no "prolongamento do impacto".

Críticas

Os textos analisados foram os do Omelete, Cinepop e Altamente Ácido, pelo critério do Google, a coluna de Michael Laub e a crítica da Folha de S. Paulo e uma análise publicada pela Cinética, site de referência sobre crítica no Brasil.

Das três primeiras críticas que apareceram no Google, uma, a do Guia da Semana, foi descartada por não estar assinada, sendo substituída pela seguinte, a de um site chamado Altamente Ácido. Esta seja a mais representativa do lado danoso da "vedetização da opinião", com frases mal construídas que geram confusão, além de sofrer do medo de assumir uma posição mais clara, optando por balancear pontos negativos e positivos. Alguns destes descabidos.

O texto do Cinepop não sofre do mal da escrita truncada. Há um momento em que o autor aponta para uma certa honestidade em O Grande Hotel Budepeste, chamando o filme de "menos manipulativo". Há uma clara confusão, vinda do desconhecimento dos conceitos de opacidade e transparência de Ismail Xavier (2005). Ao se deparar com um filme opaco, isto é, cujo dispositivo cinematográfico está claramente exposto, o crítico com pouco repertório se encontra perplexo. Cabe considerar, porém, se o público médio, também com baixo repertório, não necessita desta ressalva para não entrar "desavisado" na sala de cinema.

Por fim, o texto do Omelete, site que já está mais próximo de um veículo hegemônico do que de um site diletante. O texto, inclusive, reflete isso ao apontar para as camadas narrativas do filme e insistir na comparação com o cinema de Ernst Lubitsch, além do foco

na construção das imagens. Assim como os outros dois, porém, há pouca discussão sobre o que o filme é e suas possíveis relações de sentido, como se espera nos outros textos.

De certa forma, o mesmo "mal" a comete a Cinética. A revista eletrônica busca se legitimar e, para isso, busca críticos que carreguem no texto. Se há análise das relações de sentido, ela está soterrada por baixo da prosa elaborada, das referências e do detalhamento obscurantista sobre formatos de tela. É, claro, o esforço de um texto de iniciados para iniciados. Resta saber se estas são conclusões que algum iniciado não conseguiria chegar sozinho.

A coisa muda de figura no texto da Folha de S. Paulo. A brevidade, provavelmente por conta do limite de espaço do impresso, limita o debate de ideias, que se mantém, mais uma vez, sobre a forma. É apenas no último parágrafo em que há uma reflexão sobre o tipo de questão que O Grande Hotel Budapeste evoca. É um filme, afinal, sobre o instante anterior à eclosão da Primeira Grande Guerra.

Mas só na coluna de Michel Laub, que nem é um crítico de cinema de fato, é que balanceia forma e conteúdo, colocando os últimos filmes de Anderson em perspectiva e notando os possíveis significados em relação à mudança de tom do final. É o texto que talvez melhor tenha atendido aos preceitos de Bernadet e Bazin.

Considerações finais

A crítica de cinema foi, de fato, banalizada pela internet. O que não quer dizer que ela não tenha encontrado seu público e cumpra uma função, nem que seja de indicação de consumo. Por outro lado, não há reflexão sobre como forma e conteúdo dialogam para gerar sentidos, tarefa cumprida pelos textos publicados em veículos tradicionais e hegemônicos, legítimos, pois. Cabe questionar, porém, se há diálogo com o público.

Referências bibliográficas

BAZARELLO, Pablo R. **O Grande Hotel Budapeste**. In: Cinepop. Disponível em: <<http://cinepop.com.br/o-grande-hotel-budapeste-2-73025>>

BAZIN, André. **O Que É Cinema?** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BERNARDET, Jean-Claude. **Trajetória crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAGA, Carolina. **A crítica jornalística de cinema na internet**: um dispositivo em transformação. 247 f. Tese doutoral apresentada para a Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

BUTCHER, Pedro. **Crítica: Wes Anderson resiste ao cinema realista com fábula graciosa**. In: Folha de S. Paulo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/07/1479960-critica-wes-anderson-resiste-ao-cinema-realista-com-fabula-graciosa.shtml>>

GOMES, Regina. **A função retórica da crítica de cinema: análise das resenhas de Central do Brasil**. Disponível em

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/gomes-regina-retoricacinema.html>>

GOMES, Paulo Emílio Salles. **Crítica de cinema**: história e influência sobre o leitor. Crítica Cultural, volume 1, número 2, jul./dez. 2006. Disponível em

<<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/critica/0102/05.htm>>

GUIMARÃES, Victor. **O Grande Hotel Budapeste, de Wes Anderson**. In: Cinética. Disponível em

<<http://revistacinetica.com.br/home/o-grande-hotel-budapeste-the-grand-budapest-hotel-de-wes-anderson-euaalemanhareino-unido-2014/>>

HESSEL, Marcelo. **O Grande Hotel Budapeste**. In: Omelete. Disponível em:

<<http://omelete.uol.com.br/filmes/criticas/o-grande-hotel-budapeste/>>

LAUB, Michel. **Ironia e Horror no Hotel**. In: Folha de S. Paulo. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/columnas/michellaub/2014/03/1432227-ironia-e-horror-no-hotel.shtml>>

MAGALHÃES, Marina. **Crítica: O Grande Hotel Budapeste**. In: Altamente Ácido.

Disponível em: <<http://altamenteacido.com.br/review/critica-o-grande-hotel-budapeste/>>

PRATES, Marco Amorim. **Presente e futuro da crítica de cinema brasileira**: a opinião de quem faz. Monografia apresentada à Universidade de Brasília, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). **Teoria Contemporânea do Cinema, Volumes I e II**. São Paulo, Editora Senac, 2005.

XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico**: a opacidade e a transparência. São Paulo, Paz e Terra, 2005.